

GALERIA DOMINGUEZ ALVAREZ



S A R A H A F F O N S O



DE 19 A 31 DE MAIO DE 1962



Rapariga do meu tempo, esta Sarah Affonso deixou nos quadros dela uma meninice que os anos não são capazes de enxovalhar, uma alegria dos olhos para ver azul e verde e cor-de-rosa que não precisou de ir aprender a Paris o modo de ser original.

Nesses quadros, tudo se passa em claridade: boizinhos, crianças, pinheiros, flores e mais a transparência loira do ar daqueles sítios que vão de Viana a Valença, onde só de noite é que passeiam as almas do outro mundo, enchendo o vazio entre as imagens com uma presença de objecto e sem literatura nenhuma.

Agora que, além de alguma pintura abstracta que felizmente também há, se arranjou sobretudo uma espécie nova de academia em que é preciso ir ver a assinatura para distinguir os pintores, a originalidade gostosíssima da aventura minhota desta pintura sem folclore — o Minho de que falo está na memória do gosto, não, na anedota e é portanto categoria, não acidente — vale com certeza a pena voltar a ver-se com atenção.

Ou o pintor é um poeta, como a Sarah, que fala pela sua voz, ou no coral, mesmo afinado, só quem interessa é o maestro. Ora aqui não há maestrô nenhum. A cor pintada sai dos dedos como um gesto pessoal. Aqui é a maneira própria de ver o mundo que nos comove e o consequimento da ingenuidade (esse sim, que andou pelos Parises do mundo a aprender a sabedoria de parecer que não é) que chega a nós com um perfume silvestre que sabe bem.

O Almada, com quem namorou e casou e de quem teve filhos que já são gente, escreveu, entre outras coisas notáveis, um livro muito notável chamado «A invenção do dia claro».

Com a mesma lucidez, embora guiada por outros caminhos, a mulher dele andou, desde que foi capaz de enrolar sôzinha as tranças (usavam-se tranças nesse tempo e parece que era difícil enrolá-las) a reinventar também a claridade do dia.

Foi cada um por sua conta e, se as contas se somaram, não foi por conta das contas mas por conta de cada um...

Lembram-se da cabeça do Mateo Hernandez feita em diorite?

Era uma menina em que os olhos sorriam com a alegria de ver. O retrato estava parecido apesar da brutalidade da pedra. Pois os pincéis dos dedos foram pintando o que esses olhitos tinham visto na infância ou no sonho afeiçoado ao gosto do ser infantil.

Foi esse gosto que, com o tempo, se foi tornando mais sábio, mais puro, como quem desembacia uns óculos para ver melhor.

Os óculos... que a vista, desde a nascença, tinha o imutável condão de saber olhar assim.

ANTÓNIO PEDRO

SARAH AFFONSO passou a sua infância no Minho, terra de seu pai. Foi a última discípula de Columbano na Escola de Belas Artes de Lisboa, cujo curso completou. Trabalhou em Paris. Em 1929, expôs no «Salon d'Autmone» o quadro «Meninas» que actualmente se encontra no Museu de Arte Contemporânea.

Casou com o pintor José de Almada Negreiros.

Expôs pela primeira vez em 1924 e depois, individualmente, em 1928, em 1933 (no «Século»), em 1939 (no S. N. I.) e em 1953 (na Galeria de Março). No «IX Salão de Arte Moderna» do S. N. I. teve o prémio Amadeu de Sousa Cardoso, mantendo durante 15 anos uma actividade intensa.

É autora de cartões para Tapeçarias (Hotel Ritz e colecções particulares), ilustrações em livros e revistas. Tem quadros no Museu de Arte Contemporânea, Museu de Bragança, Museu de Amarante, e em várias colecções particulares de Portugal e Brasil.

Os últimos trabalhos de pintura datam de 1948.

Há 9 anos que não aparece obra sua em qualquer exposição.

1 — MENINAS E BOIS

2 — RAPARIGA DO LENÇO (1933)

3 — MENINA E GATO

4 — MENINO

5 — FAMÍLIA

6 — A ESTRELA

7 — SEREIA

8 — PROCISSÃO

9 — ESTAMPA POPULAR

10 — O CORETO

11 — RETRATOS

12 — RAPAZINHO

13 — ANA PAULA

14 — MATERNIDADE

15 — AUTO-RETRATO (1948)

ANSA-IMP-44 A